

Colaboradora por 20 anos de Niemeyer, Marianne Peretti ganha livro, filme e exposição

Criadora dos vitrais da catedral de Brasília e de outras obras da capital federal, a franco-brasileira comemora seis décadas de vida artística

Fernando Eichenberg

RIO - Acomodada numa mesa à janela do café Canon des Gobelins, em Paris, Marianne Peretti, 85 anos, olhar vago na paisagem urbana, confessa:

— Se voltasse no tempo, não faria nada diferente. Repetiria tudo exatamente da mesma maneira — diz, os olhos marejados e a voz embargada.

Criadora dos vitrais da catedral de Brasília e de tantas outras obras do patrimônio cultural da capital federal, a franco-brasileira comemora seis décadas de vida artística com um livro, um documentário e uma exposição sobre seu trabalho, além de uma inusitada reinauguração. Recentemente foi redescoberta a sua primeira obra de vitral — seu domínio de excelência, em que é considerada uma inovadora —, instalada no número 8 do Impasse Delépine da capital francesa. O painel de 48m², de autoria desconhecida — nunca fora assinado pela artista —, estava esquecido desde 1971 numa parede do centro de treinamento do sindicato das empresas de material elétrico de Paris. Após uma busca detetivesca, a obra foi resgatada.

— Não lembrava direito, pensava que era menor — conta Marianne, após rever o vitral. — Eles iam lançar na época uma lâmpada de forte luminosidade. Desenhei um painel iluminado por trás. Ficou bonito e original. Hoje não faria melhor — diz, orgulhosa.

Portfólio com 80 obras

Residente em Olinda, a artista retornou na semana passada à sua terra natal para firmar a autoria de sua obra pioneira, num ato celebrado em uma pequena cerimônia no sindicato, e fornecer depoimentos sobre seu incipiente período francês para o livro e o documentário em produção. Nascida em Auteuil, de pai brasileiro e de mãe francesa, Marianne desenvolveu a veia artística durante sua adolescência parisiense, antes de se mudar para o Brasil e iniciar a parceria de cerca de 20 anos com o arquiteto Oscar Niemeyer (1907-2012). Além do titânico vitral de 2.240m² da catedral de Brasília — do qual herdou desde 1988 uma escoliose pelo esforço físico dispensado —, em seu portfólio de mais de 80 obras repertoriadas constam suas criações para o Panteão da Pátria, o Palácio Jaburu, o Superior Tribunal de Justiça (STJ), a Câmara dos Deputados, o Memorial JK e o Teatro Nacional Cláudio Santoro (a escultura “O pássaro”). Sua arte também está representada em São Paulo, Rio, Recife, Fortaleza, Natal, Itália e França.

Na juventude, Marianne costumava fugir das aulas no colégio para ir desenhar na Academia Grande Chaumière, célebre escola artística no bairro Montparnasse. Certa vez, ela mesma escondeu uma carta da direção do colégio a seus pais, alertando para suas faltas. Na volta das férias acabou confessando suas travessuras, e a mãe lhe deu uma alternativa: teria um mês para se preparar para o exame de admissão na Escola de Artes Decorativas. Se fosse reprovada retornaria ao colégio. Ela passou.

Frequentadora dos cafés Flore e Deux Magots nos tempos de efervescência intelectual do bairro de Saint Germain des Prés, Marianne também deixou ali sua marca: assinou 52 ilustrações do “Almanaque de Saint Germain des Prés” (1950), com retratos de várias personalidades da época.

— Lançamos o livro no Flore. Tem até um desenho meu da (atriz e cantora) Juliette Gréco, quando ela ainda tinha o nariz grandão — diz, rindo, a artista, que em 1959 receberia o prêmio de melhor capa de livro na 5ª Bienal de São Paulo por sua ilustração de “As palavras”, de Jean-Paul Sartre (1905-1980).

Na mesa de um dos famosos cafés, ela conheceu Albert Camus (1913-1960), pouco depois da viagem do escritor francês ao Brasil (1949).

— Encontrei o Camus, ele estava voltando do Brasil, e disse que não tinha gostado do país. O Brasil é assim, gosta-se ou não. Tem gente que acha que é muito confuso, mas eu gosto, dá uma sensação de liberdade — conta Marianne, que, nostálgica, se disse decepcionada ao visitar o Flore e o Deux Magots por terem virado “lugares sem graça”.

Em 1952, com 24 anos, ela fez sua primeira exposição individual na Galeria Mirador, endereço de prestígio na Praça Vendôme, com desenhos e guaches. Os proprietários da galeria eram catalães e amigos do pintor Salvador Dalí (1904-1989), que compareceu ao vernissage. Marianne foi apresentada no convite como uma “jovem artista brasileira em Paris”, numa época em que ainda não havia pisado no Brasil. — O Dalí conversou comigo, foi muito

gentil e simpático.

O encontro com Niemeyer ocorreu nos anos 1970. Em Paris, Marianne assistiu a um programa na TV sobre o projeto do arquiteto para a sede do grupo editorial italiano Mondadori, em Milão.

— Achei tão bonito que peguei um avião e fui ver de perto — conta. — Depois, tinha uma viagem marcada para Recife com escala no Rio. Pensei: “Vou conhecer o Niemeyer”. E ali começou uma amizade de anos.

O livro “Documentando Marianne Peretti” (em português, inglês e francês) e o documentário “Arte e arquitetura”, com curadoria de Laurindo Pontes e produção de Tactiana Braga, ainda não têm data de lançamento. A exposição será inaugurada em dezembro, em Recife.

— O nosso projeto visa referendar e chancelar o trabalho de Marianne. Não há registro de suas obras, muitas pessoas pensam que tudo foi feito por Niemeyer — diz Tactiana Braga.

URL: <http://glo.bo/16DP8Ob>

Notícia publicada em 19/05/13 - 7h00 | Atualizada em 18/05/13 - 18h49 | Impressa em 25/06/13 - 15h16